

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ZOOLOGIA

N.º 6

Agosto de 1957

ALGUNS MAMÍFEROS DO ACRE OCIDENTAL

CORY T. DE CARVALHO
Museu Goeldi

O manto verde de floresta tropical típico que cinge as margens do rio Juruá, com suas principais variantes e comunidades naturais, a "terra firme" e a "mata de várzea", tem sido no presente século, um interessante campo de trabalho científico através as coleções feitas por Garbe (1901-2) e Olalla (1936-7), nas vizinhanças de Eirunepé (antiga S. Felipe e João Pessoa), no sul do Estado do Amazonas, na porção mais baixa do alto rio Juruá, sendo o material do último coletor dividido entre os Museus de São Paulo e o de Estocolmo.

Agora volta a ser explorado o vale do grande rio, na porção mais superior em nosso território, numa altitude média entre 100 - 200 metros, por uma expedição do Museu Goeldi, constando de perto de três meses de coleta, de junho a setembro de 1956, em época de maior sêca, sendo os pequenos roedores colecionados nos "roçados" — derrubadas de pequenos trechos de mata para cultura diversa, e outros no interior da mata e caminhos de seringa (mangas e estradas), verdadeiros labirintos em busca das seringueiras, uma das principais fontes da economia extrativa local.

Das regiões vizinhas, Iquirí e Plácido de Castro a sudeste do Território do Acre, foram lugares de coleta utilizados pelo Departamento de Zoologia em 1951, sendo as excursões do Museu Goeldi em 1903 - 4 no alto rio Purús e baixo Acre, de proveito muito limitado na parte mastozoológica. Fóra do

nosso território e circundando-o, o vale do Ucayali no Perú e do Madre de Dios na Bolívia, foram trabalhados por colecionadores diversos para o Museu Britânico e para o Chicago Natural History Museum.

Consta a presente lista sistemática anotada, de mais uma contribuição ao conhecimento da mantis acreana e do extremo sudoeste da hiléia brasileira, uma das áreas amazônicas melhor conhecida em sua masto-fauna, através colecionamentos feitos, passando a ser o Departamento de Zoologia de São Paulo o melhor aquinhado, mantendo em seu acervo de material para estudos de cerca de 62 formas representativas da fauna local.

O presente material engloba 102 exemplares, representando 31 espécies e raças geográficas, uma das quais nova para a ciência (Rev. Bras. de Biologia, 1957) e outras para a nossa fauna; os lugares de coleta estão assinalados no mapa anêxo, com os respectivos nomes, excetuando-se a cidade de Cruzeiro do Sul, ao norte ocidental do Território do Acre.

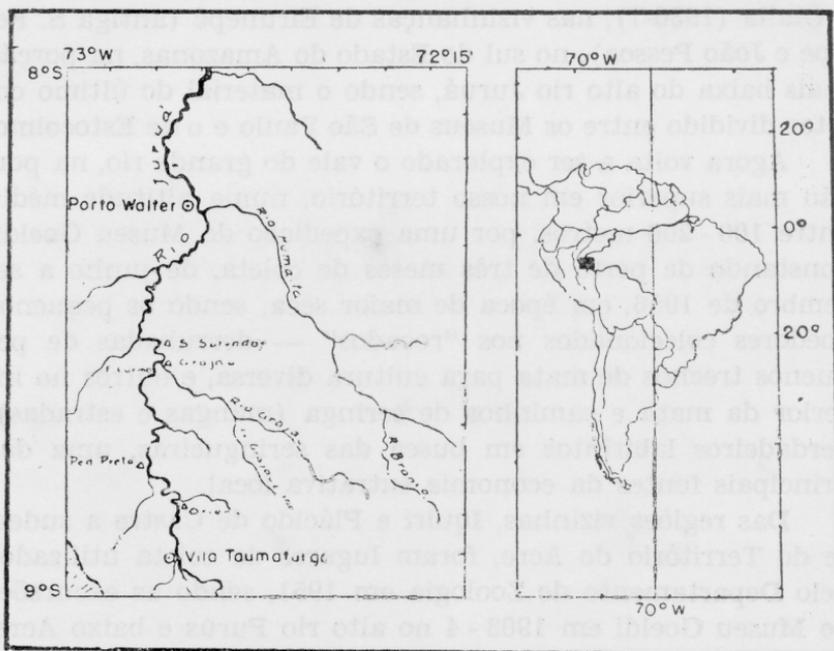


Fig. 1 — Mapa das localidades de coleta no alto rio Juruá, Território Federal do Acre, Brasil.

O material que serve de base do presente estudo foi coletado pelo ornitologista F. C. Novaes e o Taxidermista M. M. Moreira, ambos do Museu Goeldi.

MARSUPIALIA

Família DIDELPHIDAE

1. *Metachirops opossum quica* (Temminck)

"Mucura xixica"

1827 — *Didelphis quica* Temm., Monographies de Mammalogie, 1:36; Sepitiba, Rio de Janeiro.

Seringal Oriente, margem direita do alto rio Juruá, Acre: 2 machos e 2 fêmeas, ago. 56.

Possuem pelame lanoso cinza prateado, sendo o meio do dorso e a cabeça mais enegrecidos. Uma fêmea adolescente apresenta o dorso mais uniforme e a cauda com pelos aparentes. As manchas supra oculares e os lados da cabeça e pescoço são branco amarelentos como os exemplares do sul.

Vieira (1950:345) dá para os exemplares do sul a série molar 22.0 - 23.0 mm., e nossos exemplares que muito se assemelham a forma sulina em aspecto externo, possuem série molar 26.0 - 27.0, o que coincide com a forma *o. opussum* de Belém.

Nas Guianas essas pequenas mucuras são ainda maiores, possuindo série molar de quase 30.0 mm., além da côr fortemente alaranjada nas partes claras externas do corpo, como sejam: manchas supra oculares, lados da cabeça e agrisalhado anterior.

Provisoriamente consideramos na Amazônia como no Brasil, só duas formas: *opussum quica* Temm., com distribuição mais vasta abrangendo quase todo o sul do rio Amazonas, exceto a região de Belém, onde as populações são claramente intermediárias, e, *opussum opussum* L., do norte do baixo Amazonas, com indivíduos maiores e de côr mais viva nos pontos já assinalados. Aguardamos para melhor conhecimento da espécie na região, material mais abundante e de várias localidades.

PRIMATES

Família CEBIDAE

2. *Pithecia monacha* E. Geoffroy “Parauacú”

1812 — *Pithecia monachus* E. Geof., Annales Mus. Hist. Nat., Paris, 10:116; rio Tapajoz, Pará.

Cruzeiro do Sul, margem direita: 1 fêmea, jun., 56; Seringal Oriente, margem direita: 1 macho, jul. 11,56.

Considerando as formas de Spix em Lönnberg (1938), dizíamos que nossos exemplares pertenciam a subespécie *hirsuta* Sp x, devido a coloração da parte do antebraço e mãos brancas, sendo amarelento daí ao cotovelo; pés e mancha na rótula também brancos, intercalados com enegrecido e amarelento.

Possuimos, no entanto, material de Palmares, no rio Solimões, que coincide com a descrição da raça do leste e não do oeste do rio Juruá; não possuindo nossas coleções material de outras localidades para comparações mais esclarecedoras, adotamos só a espécie em sí.

3. *Alouatta seniculus juara* Elliot “Guariba vermelha”

1910 — *Alouatta juara* Elliot, Ann. Mag. Nat. Hist., (8), 5:80; rio Juara (= Juruá), alto Amazonas.

Seringal Oriente, margem direita: 1 macho, 1 fêmea, jul. 23,56.

O grupo *seniculus* do sul do rio Amazonas, como as populações do norte e oeste, mostram grandes variabilidades cromáticas, sendo, entretanto, as fêmeas claras, tendendo quase ao laranja-avermelhado como os mais queimados *straminea* Humb., raça do norte (machos e fêmeas das Guianas), enquanto os machos na presente subespécie são bem mais castanho-escuro, tendendo as extremidades e o dorso médio sempre a ser mais escuro que os flancos.

Tendo em vista a grande variação nas medidas cranianas, híodes e colorido na forma das Guianas, e quando comparados aos exemplares do sul do Amazonas, onde parece se dar o mesmo, creio podermos considerar uma única subespécie na região até o oeste do Território da Rondônia, já que não possuem diferenças apreciáveis entre êles.

4. **Cebus albifrons unicolor** Spix "Caiarára"

1823 — *Cebus unicolor* Spix Simiarum et Vesp. Brasil. Sp. Novae, pg. 7; Teffé, rio Solimões, Amazonas.

São Salvador, margem direita: 1 fêmea, set. 1,56.

O grupo "Caiarára" difere do verdadeiro "Macaco Preggo" não só pela aparência geral que é um tanto aproximada, como também pela voz que é inconfundível.

A côr é bruno uniforme, mais escuro na cabeça e meio do corpo, parte superior da cauda e membros; a base dos pêlos é amarelenta. Ventralmente é sempre mais claro.

O exemplar acima e mais outros três indivíduos estava no me.o de um bando de "mico de cheiro (*Saimiri* sp.), conforme relato do colecionador; e amamentava um filhote. Esta associação entre símios desses dois gêneros já foi também observada pelo autor nos arredores de Belém.

5. **Callimico goeldi** (Thomas) "Macaco de taboca"

1904 — *Midas goeldi* Thos., Ann. Mag. Nat. Hist., (7), 14:189; Amazonas.

Seringal Oriente, margem esquerda: 1 macho e 1 fêmea, ago. 13,56.

Ambos são totalmente negros, com muito leve agrisalhadão na ponta dos pêlos no terço posterior do corpo, na parte dorsal e alto das cóxas. Estes exemplares são completamente desprovidos de branco, quer seja as manchas no corpo, quer os anéis na cauda.

Apesar da dificuldade de coleta pela sagacidade desses "micos", o que corrobora com o número relativamente infreqüente de exemplares colecionados, observou o colecionador que os mesmos são abundantes na região e vivem em grandes bandos, cerca de 30 - 40 indivíduos, sempre no estrato médio da mata, perto de quatro metros de altura e fazem tremenda algazarra. O material acima foi coletado na mata de várzea.

Sua distribuição parece estar limitada a oeste pelo rio Huallaga, no Perú, a leste, talvez no Madre de Dios, na Bolívia, sendo até o presente assinalado no Brasil na parte sul do Território do Acre, em seus dois extremos e em Cerro Azul, no Perú.

Família CALLITHRICIDAE

6. *Leontocebus mystax* (Spix) "Boca branca"

1823 — *Midas mystax* Spix, Simiarum et Vesp. Bras. Sp. Novae, pg. 79; S. Paulo de Olivença, rio Solimões, Amazonas.

Seringal Oriente, margem esquerda: 3 machos, 1 fêmea, jul. e ago., 56.

Estes espécimes apresentam o tórax negro, com pêlos inteiramente dessa cor (sem pontas fulva) e nuca com base dos pêlos acinzentada; pêlos curtos e inteiramente brancos mais longos no lábio superior e circundando a boca; os outros dois terços do dorso manchado de ócre ao fulvo com base dos pêlos negros; braços, pés e cauda, negros.

Eládio Lima (1944:221 e 230) assinala grandes diferenças entre a presente espécie e o *Leontocebus fuscicollis*; Vieira (1948:254) aproxima-os baseado no material coletado por Olalla e Garbe; não dispomos de bons exemplares para comparações elucidativas.

7. *Leontocebus imperator subgrisescens* (Lönning) "Bigodeiro"

1940 — *Mystax imperator subgrisescens* Lonnb., Arkiv. för Zoology, Stockholm, band 32a:9 (n.º 10); Lado oeste do rio Eirú, próximo a confluência com o rio Juruá, Amazonas.

Pedra Preta, margem direita: 1 fêmea, jul. 6,56; Seringal Oriente, margem direita: 1 fêmea, jul. 11,56.

Pelos caracteres apontados por Lönnberg não temos dúvida em incluir a presente forma em *subgrisescens*. Contudo, examinando o material do Museu Goeldi que serviu de base a descrição da subespécie típica, patenteamos a côr geral do abdomen acizentada em todos os indivíduos, inclusive outros dois da coleção, ambos fêmeas, do rio Juruá e de Cobija, na Bolívia.

A côr geral é algo variável como afirma Vieira (1948:253) e a diferença principal recai na côr ferrugínea do peito, principalmente entre os braços, nos soíns de Goeldi (1907:93). Os exemplares montados e expostos por longos anos apresentam a côr avermelhada que coincide com a descrição original, sendo esta limitada a porção média dos pêlos, a base é enegrecida e as pontas esbranquiçadas. Essa côr avermelhada também se dá em todo o material descorado naturalmente de côr enegrecida! Melhores esclarecimentos só com novo material do alto rio Purús, já que até o presente não foi mais identificado pelas de *imperator imperator*.

A presente espécie estava inclusa num bando de *Leontocebus melanoleucus acrensis*, num total de quatro indivíduos.

8. *Leontocebus melanoleucus melanoleucus* (Ribeiro)

“Sauim branco”

1912 — *Mico melanoleucus* Mir. Ribeiro, Brasil. Rundechau, (n.º 1), 2:22; “Amazonas”, St.º Antonio do rio Eirú, afluente da margem direita do rio Juruá.

Cruzeiro do Sul, margem direita: 2 machos, jul. 21,56; 1 fêmea, jovem, jul. 25,56.

Jovens e adultos inteiramente brancos, com as partes expostas da pele enegrecidas; alto da cabeça, dorso, base da cauda e região superior das cóxas, lavadas de amarelento e algumas vezes até de camurça.

Bando pequeno de cerca de oito indivíduos, na mata de várzea, e na copa das árvores.

9. *Leontocebus melanoleucus acrensis* Carvalho

1957 — *Leontocebus melanoleucus acrensis* Carv., Rev. Bras. Biol., 17: 219-222 (n.º 2); Pedra Preta, cerca de 15 km. abaixo de Taumaturgo, alto rio Juruá, Acre. (tipo no Mus. Goeldi, n.º 738, macho adulto).

Pedra Preta, margem direita: 3 machos, 1 fêmea, jul. 6,56; Seringal Oriente, margem direita: 1 macho e 2 fêmeas, jul. 16 a 21,56.

Do *L. m. melanoleucus* Rib., difere em possuir o dorso médio e posterior variegado, com base dos pêlos bruno ardósia e sub-apical amarelo-ócre, com ponta branca amarelenta; cóxas e base da cauda de côr mais uniforme e próxima ao *Tangerine Yellow* (9/2) com cinza; membros posteriores com base dos pêlos bruno enegrecidos e parte distal *Tangerine Yellow*; cauda unicolor *Maize Yellow* (607/3); pele da face, orelhas, mãos e parte superior dos braços e pés enegrecidos como na subespécie típica.

Os bandos são maiores e foram encontrados em terra firme.

10. *Cebuella pymaea* (Spix)

1823 — *Iacchus pygmaeus* Spix, Simiar. Vesp. Brasil. Sp. Novae, pg. 24, pr. 32, fig. 2; Tabatinga, rio Solimões, Amazonas.

Seringal Oriente, margem direita: 1 fêmea, ago. 1,56.

A côr do ventre muito o relaciona a raça típica, porém a vista da série variável da antiga coleção, proveniente de Iquitos, Chimbote (Perú) e Palmares no rio Solimões, põem-nos em dúvida quanto a validade da sub-espécie de Lönnberg, pois apresentam-se desde o amarelo-ócre por igual até a garganta, ao branco puro com garganta escura (material de Chimbote, Iquitos e Palmares), passando pelo branco com base dos pêlos enegrecidos.

O branco em nosso exemplar está restrito a uma faixa central e vai modificando para os flancos por amarelento e

negro. O manto agrisalhado na cabeça e dorso anterior é bem curto, não chegando a região das espáduas, tornando-se no resto com muito amarelo, quadrís e face interna das pernas bem acinzentado.

Lönnberg (1940) identificou material de João Pessoa (atualmente Eirunepé), como da raça típica!

EDENTATA

Família DASYPODIDAE

11. *Priodontes giganteus* (E. Geoffroy). "Tatú canastra"

1803 — *Dasytus giganteus* E. Geof., Catal. du Mus. de Paris, pg. 107; "Amer. du Sud", provavelmente Guiana Francêsa.

Seringal Oriente, margem direita: 1 fêmea, ago. 2,56.

A presente espécie possui distribuição muito ampla, abrangendo norte e sul da Amazônia, ou melhor, do norte da América do Sul até o norte da Argentina e Paraguai. Pode ser encontrado em quase todo o Brasil, contudo não é abundante em parte alguma; tem sido colecionado com maior frequência no sudoeste do Brasil e nas Guianas.

Nosso exemplar foi encontrado num capoeirão na margem do rio, e media, cabeça e corpo: 850 mm., cauda 529, pé posterior 170, orelha interna, 58.

RODENTIA

Família SCIURIDAE

12. *Sciurus pyrrhonotus juralis* Thomas

"Coatipurú vermelho"

1926 — *Sciurus pyrrhonotus juralis* Thos. Ann. Mag. Hist., (7), 17:636; Eirunepé, rio Juruá, Amazonas.

Seringal Oriente, ambas as margens: 3 machos, 1 fêmea, jul. 27 a ago. 3,56; Grajauziho: 1 fêmea, ago. 27,56.

Os adultos muito se assemelham ao *p. tapar'us*, porém os pêlos castanhos das cóxas possuem base enegrecida; alto de cabeça mais anegrecido, dorso variando de amarelo fulvo ao fulvo. Abdomen branco puro, com um exemplar jovem amarelento no ventre e parte inferior das cóxas, bem como o dorso posterior muito mais fulvo, sem preto. A coloração da cauda é variável.

O dicromatismo nos exemplares do Juruá já tem sido constatado algumas vêzes, com pequenas séries de Eirunepé no Amazonas, entretanto ainda não foi assinalada as populações de maior incidência, o que agora pelas informações dos colecionadores, supomos ser a região de Cruzeiro do Sul, no Acre, já que no local só conhecem a forma melânica, enquanto que acima da cidade, no Seringal Oriente e proximidades novamente há dominância dos indivíduos vermelhos. Provavelmente abaixo do citado local deve haver a zona de indivíduos dimórficos com maior ou menor frequência.

13. *Sciurus ignitus irroratus* (Gray) "Coatipurú roxo"

1867 — *Microxus irroratus* Gray, Ann. Mag. Nat. Hist., (3), 20:431; alto rio Ucayali, Perú.

Seringal Oriente, ambas as margens: 2 machos, 2 fêmeas, jul. 20 a ago. 16,56; Estirão do Carmo: 1 fêmea, ago. 25,56.

Difere dos outros dois grupos *aestuans* e *gilvicularis* pelo pelame mais longo e macio; oliváceo e finalmente agrisalado com preto e amarelento. Orelhas bem pilosas em ambas as faces, com região anterior e superior fulvescente, posterior e mancha pos-auricular amarelenta; garganta e toda a região ventral branco alaranjado, com base dos pêlos acinzentada; região mesial mais pura. Anél rufo ao redor dos olhos; parte superior dos membros principalmente mãos e pés bem pilosos e alaranjados; parte inferior das pernas amarelo cinzento.

Pelo acima descrito vemos que nossos exemplares tendem mais a forma típica, segundo a descrição de Allen (1915:204), que a subespécie do sudoeste do Acre (Vieira, 1952:29).

Thomas, tendo em mão um pequeno quatipurú enviado por Ihering (ob. c.t.) de Eirunepé, identificou-o como *irroratus*, assinalando assim pela primeira vez no nosso território. Agora, volta a ser reidentificada a subespécie acima, no T. do Acre, ampliando ainda mais sua área de dispersão no Brasil.

Mensurações média — Cabeça e corpo, 180; cauda, 186, pé posterior, 45; orelha, 22 mm.. Crânio: comprimento máximo, 48,0; largura zigomática, 27,9; constrição interorbital, 15.34; série molar superior, 7.54 mm..

14. *Microsciurus peruanus* Allen

1897 — *Sciurus (Microsciurus) peruanus* Allen, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., 9:115; Guayabamba, noroeste do Perú.

Seringal Oriente, margem direita: 2 fêmeas, jul. 10 e ago. 3,56.

Temos em mão um par dessa provável forma Peruana, até então encontrada só na localidade tipo. Pinto (1931:285), baseado no caráter “atrás das orelhas branco puro...”, substituiu a antiga denominação de Thomas (?) nos exemplares colecionados por Garbe no alto rio Juruá (próximo a Eirunepé), achando-o melhor identificável na atual espécie *manarius*, no que também Moojen (1942:4) aquiesce, referindo-se, entretanto, a falta de material intermediário para melhor julgamento.

Não discutimos aqui a semelhança entre as formas *peruanus* e *manarius*, devido a falta de material comparativo, contudo há outros caracteres que justificam provisoriamente o reconhecimento da forma do sul do rio Amazonas como *peruanus*, como: a côr do abdomen lavado de amarelo fulvo, com base dos pêlos ardósia (*Yellowish-rufous* no *peruanus*, e *buff* no *manarius*); membros com parte superior fulvescentes (*Yellowish* ou, *greyish olivaceous*); cauda lavada de embranquiçado nos dois terços terminais (*white* ou, *pale buff*), além da coloração esbranquiçada da ponta.

A coloração e as medidas cranianas muito os aproxima, restando pois só o exame cuidadoso do material topotípico

ou os tipos, bem como do *M. flaviventer* Gray, dito possuir os pêlos na base amarelos; em tudo são formas semelhantes!

Suas medidas principais são: cabeça e corpo, 124 - 139 mm.; cauda, 129 - 141; pé post., 37 - 38; orelha, 15 - 16. Crânio: comp. total, 35.45 mm., largura zigomática, 22.85, constrição interorbital, 13.2; série molar, 5.9.

15. *Oryzomys (Oryzomys) nitidius* (Thomas)

1884 — *Oryzomys laticeps nitidus* Thos., Proc. Zool. Soc., London, p. 452; Anable Maria, Perú.

Seringal Oriente, margem direita: 2 machos, 1 fêmea, ago. 2 e 6,56.

Baseando-nos na descrição original e figura, é esta a espécie mais próxima aos exemplares acima.

Quando comparados ao *O. subflavus* do leste do Brasil, são mais fulvos e com menor extensão do tracejado do pêlo no dorso; alto da cabeça também mais fulvescente, focinho, lados da face e pescoço puro fulvo, enquanto no *subflavus* é mais acinzentado.

As medidas cranianas estão muito próximas ao *laticeps* como descrito, sendo, entretanto, pouco menor; a falta de literatura e material comparativo impede-nos de melhor identificação.

16. *Oryzomys* sp. indet.

Seringal Oriente, margem direita: 6 machos, 9 fêmeas, jul. 24 a ago. 7,56.

17. *Oryzomys (Olygoryzomys)* sp. indet.

Seringal Oriente, margem direita: 2 machos e 1 fêmea, jul. 24 e 28, ago. 8,56.

18. *Comys benevolens* (Thomas)

1901 — *Rhipidomys benevolens* Thos., Ann. Mag. Nat. Hist., (7), 7:269; Chimote, 68° W. e 15° S, alto Rio Bení, Bolívia, 700 m.

Seringal Oriente, margem direita: 3 machos, 4 fêmeas, jul. 21 a 26,56.

Acreditamos podermos identificar nossa série como *benevolens* Thos., apesar de não possuirmos material comparativo, nem dados para a forma *osgoodi* Thos. de Moyobamba, norte do Perú.

Nossos exemplares possuem comumente cauda maior que o corpo e medidas cranianas próximas, contudo há no trabalho de Ihering (1904:420) três exemplares revistos por Thomas, com série molar 4.3, o que ultrapassa as formas agora em mão.

19. *Neacomys spinosus amoenus* Thomas

1903 — *Neacomys spinosus amoenus* Thos., Proc. Zool., Soc. London, 2:239; Sant'Ana da Chapada, Mato Grosso, alt. 800 metros. Seringal Oriente, margem direita: 3 machos, 2 fêmeas, jul. 27 e 28,56.

Estes ratos são facilmente reconhecíveis pelo tamanho pequeno e pelame espinhoso, semelhante ao gênero *Proechimys*.

Colorido geral fulvo com mais ou menos preto, flancos ruivos e ventre branco puro; aristiformes com cerca de 19mm., cinzentos na base e enegrecidos nas pontas. As fêmeas são pouco mais fulvas que os machos no material coletado.

A ocorrência desta subespécie na região agora assinada, amplia muito sua distribuição ocidental, até então, restrita a oeste de Mato Grosso e leste da Rondônia.

A série apesar de muito próxima nas medidas externas ao típico *spinosus* do Perú, apresenta medidas cranianas melhor identificáveis como *amoenus*, sendo provável talvez que esta segunda subespécie habite as regiões mais baixas (?); melhor identificação só com material típico das formas acima.

20. *Nectomys squamipes montanus* Hershkovitz

1944 — *Nectomys squamipes montanus* Hershk., Misc. Publ. Mus. Zool., Univ. Michigan, n.º 58:57,8; Faz. Exito, no rio Chinchao, Dept. Huanuco, Perú, alt. 3.000 pés.

Seringal Oriente, margem direita: 2 machos, 1 fêmea, jul. 30 a ago. 1,56.

Adotamos a presente raça com certa reserva, pois nossos espécimes quando comparados com o único material existente em série, o *N. s. amazonicus* apresenta-se bem mais claro no dorso e flancos, mãos acinzentadas, lavadas de ócre e bochechas fortemente ocráceas.

As medidas tanto o proximam de *montanus* como de *garleppii*, utilizando-se os exemplares mais próximos nas localidades citadas por Hershkovitz no trabalho supra citado.

A presente subespécie inclui talvez os exemplares do Departamento de Zoologia de S. Paulo, colecionadas por Garbe e classificadas como *N. rattus* Pels. em Ihering (ob. cit.), diferindo perfeitamente da raça *amazonicus* e da suposta teoricamente por Hershkovitz *melanius*, para a região.

Mensurações: Cabeça e corpo 182 (165 - 210); cauda, 194 (187 - 198); pé post., 48,6 (48 - 49); orelha, 21,6 (21 - 22). Crânio: comp. total, 42,5 (—); larg. zigomática, 22,43 (21,55 - 23,1); const. interorbital 6,74 (6,7 - 6,8); série molar, 6,98 (6,8 - 7,2 mm.).

Família DASYPROCTIDAE

21. *Cuniculus paca paca* (Linne) "Paca"

1766 — *Mus paca* L., Syst. Naturae, 1:81; Guiana Francêsa. Seringal Oriente: 1 crânio somente, ago. 2,56.

Apesar da larga área de distribuição da paca, não encontramos no crânio acima variações dignas de nota.

22. *Dasyprocta fuliginosa fuliginosa* Wagler "Cotia cinzenta"

1822 — *Dasyprocta fuliginosa* Wagl., Isis, 25:1220; Borba, margem direita do rio Madeira, Amazonas.

Seringal Oriente, margem direita: 1 macho (pele e crânio) e 1 crânio, jul. 12,31,56.

Na região sudoeste da Amazônia deve ser essa cotia preta relativamente freqüente, devido a constância de exemplares nas coleções locais, enquanto outro indivíduo do grupo vermelho permanece ausente.

23. *Myoprocta pratti puralis* Thomas

"Cutiãra"

1926 — *Myoprocta pratti puralis* Thos., Ann. Mag. Nat. Hist., (9), 17: 639; Aiapuá, sudeste de Manáos (entre Purús e Solimões), Amazonas.

Seringal Oriente, margem direita: 1 macho, jul. 21,56.

Possuindo o Museu três exemplares (sem crânio) duma outra subespécie, verificamos a pouca nitidez da estria branca abdominal nessa "cotia de rabo", como indicado por Moojen (1952:117), embora esteja presente, sendo o resto da parte inferior amarelo-verdoso, com igual côr na garganta e lados da face.

Os exemplares acima referidos são do baixo rio Solimões, sem localidade e provavelmente pertencentes a raça *limana* Thos., sendo a faixa branca nelas bastante nítida, principalmente no peito, onde se alarga, cedendo na região do pescoço ao amarelo-fulvo e novamente ao branco-ócre. Fulvo também é a região pos-auricular, igual a região interna dos braços, o que contrasta vivamente do dorso de ambas, agrisalhado de negro e verdoso, sendo os flancos mais claros; cauda pilosa de branco.

Vieira (1948) baseado no material de Garbe, confirma a existência das duas espécies de "cotias de rabo" no alto rio Juruá (Ihering, 1904); embora, seja comumente encontrada só os membros do grupo "verdoso", sendo a única "vermelha", assinalada por Ihering.

Sanborn (1949:286) identificou exemplares de Cerro Azul (Perú) como pertencentes a forma típica *pratti*, contudo pelas medidas externas e cranianas são idênticas a *puralis*.

Cerro Azul — Comp. total, 400 mm., cauda, 50; pés post., 85; orelha, 32. Crânio: comp. total, 79.8 mm.; basilar, 68.5; orbital, 21.5; zigomática, 36.3; série molar superior, 13.5.

Seringal Oriente — Cabeça e corpo, 338 mm., cauda, 50, pé, 84, orelha, 31. Crânio: comp. total, 80.45; basilar, ; orbital, 22.2, zigomática, 36.6; série molar superior, 13.6.

Familia ECHIMYDAE

24. *Proechimys longicaudatus brevicauda* (Gunther)

"Soiá"

1877 — *Echymis brevicauda* Gunther, Proc. Zool. Soc., London, 1867
(49): 748, fig. 9; Chamicurus, rio Huallaga, Perú.

Seringal Oriente, margem direita: 3 machos e 5 fêmeas, jul. 11 a 30,56.

Tendo em mãos uma série dessa forma Peruana assinada até o sul do Estado do Amazonas, incluo no presente trabalho alguns dados para melhor reconhecimento dela, já que o trabalho de Moojen (1948) está baseado nos 3 únicos exemplares do Departamento de Zoologia de S. Paulo.

Não possui o Museu exemplares das outras raças, daí comparamos sò os crânios (em literatura). Nos jovens e adolescentes os premolares apresentam os 4 contrassulcos, sendo comum ao iniciar o desgaste do m3 o desaparecimento do primeiro contrassulco, dando então 3, o que o liga ao típico *longicaudatus*; m3 com dois contrassulcos em ambas as formas, possuindo um dos exemplares (n.º 776) aparentemente 3, sendo uma delas, parte do sulco externoilhado; há também certa tendência para tornar-se coalescentes em m1 e m2, quando ao passar de adolescente para adulto; m1 sempre com 3 contrassulcos. A série molar superior com 3 contrassulcos sempre.

Média das mensurações nos 5 exemplares adultos: Cabeça e corpo, 199.8 mm. (180 - 220); cauda, 131 (115 - 169); pé posterior, 42.2 (40.0 - 44.0); orelha, 21 (19 - 26). Crânio: comp. total, 50.2 - 55.75; largura zigomática, 25.35 - 26.5; const. interorbital, 10.2 - 11.6; série molar, 7.8 mm. (7.4 - 8.0).

25. *Isothrix bistriata bistriata* Wagner

"Rato toró"

É facilmente reconhecido pela cauda bem peluda e negra, com base levemente cinza-ocrácea em cerca de um terço. Como os *Echimys*, vivem em árvores, aproveitando as cavidades dos troncos para abrigo e morada.

CARNIVORA

Família CANIDAE

26. *Dusicyon (Cerdocyon) microtis* (Sclater)

“Cachorro do mato”

1882 — *Canis microtis* Sclater, Proc. Zool. Soc., London, p. 367, pr. 47; Amazonas.

Seringal Oriente: sò um crânio.

Desse cachorro do mato de orelhas curtas possui o Museu Goeldi mais dois crânios sem procedência; o exemplar agora colecionado possui medidas pouco menores que o de Eirunepé, Amazonas (Vieira, 1948). As medidas são: comprimento total, 150,5 mm.; larg. zigomática, 93.15; palatilar, 78.1; interorbital, 31.9; ser. molar superior, 51.4; carniceiro superior, 14.0 x 6.4 mm.

Difere do *thous azarae* no colorido ma's para o negro e nas medidas cranianas sempre maiores. Acreditamos também não ser animal tão raro quanto o suposto, porquanto Garbe, Olalla, Miranda Ribeiro (Palmares, ?) e o Museu adquiriram exemplares na região.

Dado a conformação craniana muito próxima ao *thous*, divergindo apenas no tamanho e alguns prováveis particulares (Studer, 1904:113) e baseados no fato de ser sòmente encontrado na região entre os rios Madeira e Ucayali, supomos ser a presente forma uma simples subespécie de *thous*.

Família MUSTELIDAE

27. *Tayra barbara madeirensis* Lonnberg

“Irára”

1924 — *Tayra barbara madeirensis* Lonnberg, Arkiv. for Zool., band 8:19; Humaitá, margem esquerda do rio Madeira, Amazonas.

Cruzeiro do Sul, margem direita: 1 macho, 1 fêmea, jan. 21,56; Seríngal Oriente, margem esquerda: 1 macho, jul. 9,56.

Da raça do nordeste da Amazônia, Amapá (único material comparativo); esta pode ser diferenciada externamente não pelo colorido da cabeça ou dorso, que tem sido muito variável, mas pela ausência de um "Y" de pêlos com posição modificada, com partes distais para as orelhas e o ramo único para a nuca. Os pêlos de côr palha (com variações para mais ou menos negro) e o comprimento deles varia com a idade, bem como se perde nas espáduas ou mistura gradativamente.

As dimensões cranianas são contudo muito próximas a forma do norte do rio Amazonas, não podendo, entretanto, fazer qualquer apreciação, visto a escassez de material de localidades diversas.

Em nossas observações notamos que as fêmeas são menores que os machos nas dimensões externas e do crânio; bem como a maior altura do pelame e a mistura de cor palha são de exemplares não adultos na maioria.

Família FELIDAE

28. *Panthera onca* (Linné) "Onça ou Jaguar"

1758 — *Felis onca* L., Syst. Naturae, 10.^a ed., pg. 42; Pernambuco, Brasil.

Vila Taumaturgo: 1 crânio.

Este crânio de acôrdo com as mensurações se coloca entre as formas menores de *P. onca* L., e as maiores de *F. concolor* L., (Allen, 1916:578), contudo, tendo em vista o maior desenvolvimento dos caninos e do dente carniceiro (P4), supomos pertencer a primeira delas.

Quando comparando uma série de crânios da Amazônia, não encontramos suficientes diferenças entre os frontais das duas espécie em exemplares, embora apareça com mais constância o frontal mais elevado (convêxo) na curva regular de contorno superior na *P. onca*, e os nasais acentuadamente mais afilados na porção média na última delas.

A raça geográfica cuja distribuição abrange o local de coleta é a típica *onca*, contudo o próprio autor da revisão (Pocock, 1939), sinonimisa a *P. o. ucayali* Nelson & Goldman, de Sarayacu, no Perú, e identifica um crânio de Cerro Azul como *F. o. peruana* Blainville. O material das Guianas, segundo Tate (ob. cit.), pertence a forma *F. o. major* Fischer.

Devido ao material exíguo do Museu, consideramos só o forma específica. As medidas do presente indivíduo fazem-nos supor tratar-se de uma fêmea, adulta e nova.

Medidas: comprimento basal, 165.0 mm.; zigomática, 134.0; contração interorbital, 36.1; nasal, 31.4 x 46.05; série molar superior, 48.2; com canino, 66.3; carniceiro superior, 25.4 x 13.6; canino superior, 17.15 x 27.7 mm..

29. *Felis pardalis brasiliensis* (Oken) "Maracajá açú"

1816 — *Lynx brasiliensis* Oken, Lehrbuch, Naturg. Zool., 3:1050; Santo Inácio, Paraguay.

Seringal Oriente: 1 crânio, fêmea, ago. 19,56 (com filhote já crescido).

Considerada como subespécie em nosso território, é o crânio acima de um indivíduo dos menores, quando comparado a outra fêmea adulta do rio Vila Nova, Amapá e com as medidas em nossa literatura. O dente carniceiro, entretanto, rivaliza-se a qualquer outro exemplar, 15.12 x 7.87 mm..

ARTIODACTYLA

Família TAYASSUIDAE

30. *Tayassu tajacu tajacu* (Linné) "Caitetú"

1758 — *Sus tajacu* L., Syst. Naturae, 10.^a ed., 1:50; Brasil.

Seringal Oriente: 1 macho, ago. 7,56.

Além das diferenças externas apresentadas de outro suídeo nativo, *T. pecari*, como sejam: tamanho menor que um metro, colar branco bem diferenciado e menor tamanho do

pelame, com variações e mais freqüente nas coleções, há nos crânios do *tajacu* diferenças aparentes no comprimento da série molar, e medidas menores no primeiro e último dente da série.

Possuindo o Museu Goeldi cerca de 10 exemplares com procedência, representando a forma norte amazônica, dou a seguir as médias encontradas, sendo a de fora do parêntese a do único exemplar do lado sul do rio Amazonas, e as internas, mínima e máxima encontrada nos exemplares machos existentes do baixo Amazonas.

Medidas: Série molar, 69,64 mm. (61.0 - 66.0); largura do crânio, 15.12 (13.5 - 13.8); largura e comprimento do M3, 15.04 x 12.3 (12.05 - 12.67 x 10.8 - 11.5); largura e comp. de P2, 8.5 x 7.23 (7.0 - 8.85 x 6.7 - 8.45 mm.).

Pelas medidas acima, podemos observar que o único exemplar do sul é bem maior que os exemplares do norte (forma das Guianas).

Família CERVIDAE

31. *Mazama americana americana* (Erxleben)

“Veado vermelho”

1777 — *Moschus americanus* Erxl., Syst. Reg. Animal, 1:324; Caiena, Guiana Francêsa.

Seringal Oriente: 2 machos, sendo um deles só crânio.

Os exemplares acima entram perfeitamente no grupo vermelho e grande, quer na cor dos pêlos, quer nas medidas cranianas explanadas por Taté (1939:226), para o grupo maior, incluindo várias subespécies e sinônimos.

Medidas de um macho adulto: série molar superior, 60.15 mm.; M1 - 3, 33.5; P2, 10.7 x 8.95 (largura x comprimento).

LITERATURA

- ALLEN, J. A.
 1915 — Review of the South American Sciuridae. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 34: 147-309.
 1916 — Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 35: 559-610.
- GOELDI, E.
 1907 — On some new and insufficiently known sp. of Marmoset Monkeys. *Proc. Zool. Soc. London*, p. 88,9.
- HERSHKOVITZ, P.
 1944 — A systematic review of the Neotropical Water Rats *Nectomys*. *Misc. Publ. Mus. Zool. Univ. Michigan*, 58: 1-101.
- IHERING, H.
 1904 — O rio Juruá: Mamíferos. *Rev. Mus. Paul.*, 6: 406-425.
 1911 — Os mamíferos do Brasil Meridional. *Rev. Mus. Paul.*, 8: 147-425.
- LIMA, E.
 1944 — Mamíferos da Amazônia: Primatas, Ed. Agir., R. J.
- LONNBERG, E.
 1938 — Remarks on some members of gen. *Pithecia* and *Cacajao*. *Arkiv for Zool.*, band 30a: 1-25.
 1940 — Notes on Marmosets. *Arkiv for Zool.*, band 32a:
- MOOJEN, J.
 1942 — Sobre os ciurideos das coleções do Mus. Nacional, D. Zool. e Mus. Goeldi. *Bol. Mus. Nac.* (n. s.), 1. 1-52.
 1948 — Speciation in Brazilian Spiny Rats (*Proechimys*). *Univ. Kansas Publ. Mus. Nat. Hist.*, 1: 301-400.
 1952 — Os Roedores do Brasil. *Inst. Nac. Liv.*, ser. A. n.º 2. R. J.
- PINTO, O.
 1931 — Ensaio sobre a fauna de Sciurideos do Brasil. *Rev. Mus. Paul.*, 17: 263-319.

- POCOCK,
 1939 — The races of Jaguars (*P. onca*), *Novit. Zool.*, 41: 406-
- RIBEIRO, M.
 1914 — Comissão de Linhas Telegr. MT-AM, Anéxo 5, *Zool. Mammif.*
- SANBORN, C.
 1949 — Mammals from the river Ucayali, Perú. *Journ. Mamm.*, 30 (3): 277-288.
- STUDER, T.
 1904 — Exame do mat. de canideos (cães e raposas) da Amazônia. *Bol. Mus. Goeldi*, 4:107-118.
- TATE, G. H.
 1939 — The Mammals of the Guiana Region. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 76: 151-229.
- THOMAS, O.
 1882 — On a col. of Rodents from North Peru. *Proc. Zool. Soc.*, p. 98-111.
 1884 — On a collection of Muridae from Central Peru. *Proc. Zool. Soc. London*, pg. 447-458.
 • 1889 — On some small Mammals from the District of Cúzco, Peru. *Ann. Mag. Nat. Hist.*, (7), 3:40-44.
 1901 — New Mammals from Peru and Bolivia... *Ann. Mag. Nat. Hist.* (7) 7:178-190.
 1903 — O the Mammals col. by Mr. Robert at Chapada, M. Grosso. *Proc. Zool. Soc. London*, pg. 232-244.
- VIEIRA, C.
 1945 — Sobre uma col. de mamíferos de Mato Grosso. *Arq. Zool. S. P.*, 4:396 —
 1948 — Nova contribuição ao conhecimento dos mamíferos do rio Juruá. *Bol. Mus. Goeldi*, 10:239-274.
 1950 — Xenartros e Marsupiais do E. S. Paulo. *Arq. Zool. S. P.* 7: 325-362.
 1951 — Mamíferos do rio das Morte, Mato Grosso. *Pap. Avul. D. Z.*, 10: 105-125.
 1952 — Resultados de uma expedição científica ao T. F. Acre, Mam.. *Pap. Avul. D. Zool.*, 11: 21-32.
- WILSON, R.
 1938 — The Wilson colour chart, 2 vols. *Publ. British Colour Council.*